



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A ESTRATÉGIA DA FÓRMULA EPÍSTOLAR NO ROMANCE DE MIM JÁ NEM SE LEMBRA DE LUIZ RUFFATO

THE STRATEGY OF THE EPISTOLARY FORMULA IN THE NOVEL “DE MIM JÁ NEM SE LEMBRA” BY LUIZ RUFFATO

Adriane dos Santos Gonçalves¹

Resumo: A estratégia de incluir epístolas no romance teve início nos séculos XVI e XVII, na Europa. Mas foi no século XVIII que o romance epistolar teve maior popularidade, perdendo força nos séculos seguintes. As cartas funcionam como um agente dramático no romance epistolar, usadas pelos romancistas como elemento propulsor da narrativa. Nesse sentido, o presente estudo propõe perscrutar a respeito da estratégia da fórmula epistolar utilizada no romance *De mim já nem se lembra*, do Luiz Ruffato, edição de 2016, visando a forma como o autor revitaliza esse gênero já muito utilizado na história do romance.

Palavra-chave: Romance epistolar. Romance contemporâneo. Luiz Ruffato.

ABSTRACT: The strategy of including epistles in the novel began in the 16th and 17th centuries in Europe. But it was in the 18th century that the epistolary novel was most popular, losing strength in the following centuries. The letters function as a dramatic agente in the epistolar novel, used by novelista as a propelling elemento of the narrative. In this sense, the present study proposes to scrutinize the strategy of the epistolary formula used in the novel “De mim já nem se lembra”, by Luiz Ruffato, edition of 2016, aiming at the way in which the author revitalizes this genre already widely used in the history of the novel.

Keywords: Epistolary novel. Contemporary novel. Luiz Ruffato.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás, Goiás. Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa para alunos do fundamental. Atualmente é bolsista Capes. E-mail: drica03santos@gmail.com.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Introdução

Para um romancista, tão importante quanto escrever uma boa história, é pensar na forma de como narrá-la. Tal escolha pode ser determinante para um bom romance. Em alguns casos, muitos romancistas recorrem a estratégia da fórmula epistolar para imprimir mais realismo a sua história e proporcionando ao leitor a sensação de entrar na intimidade dos personagens sem que eles saibam. Bem como reforça a estudiosa sobre escritas epistolares Geneviève Haroche-Bouzinac (2016, p. 197), “o romancista ou dramaturgo em geral exploram os recursos de funcionamento próprios a este meio privilegiado de transmissão da informação que é a carta, verdadeiro agente dramático”. Pois, as epistolas são um recurso válido para os romancistas se enveredarem como estratégia de configuração de suas obras.

Mesmo a carta sendo vista a margem da literatura e um gênero secundário², por outro lado o pensador russo Mikhail Bahktin destaca que desde o começo o romance se relaciona com os gêneros extraliterários. De acordo com o teórico, “o romance se utilizou larga e substancialmente das cartas, dos diários, das confissões (...)”, pois “o romance frequentemente ultrapassou as fronteiras da arte literária específica” (BAHKTIN, 1998, p. 422). Ou seja, o romance, um gênero “amorfo”, aderiu a carta, enquanto gênero, de forma harmônica.

A estratégia de incluir epistolas no romance teve início nos séculos XVI e XVII, na Europa. Dessa forma, a narrativa desenvolve por meio das vozes dos próprios personagens, sem a figura de um narrador. Mas foi no século XVIII que o romance epistolar vivenciou um período de efervescência, porém teve seu declínio no século seguinte. No entanto, o boom do século XVIII resultou em nomes de como o escritor inglês Samuel Richardson, com seus romances *Pamela: ou, a virtude recompensada* (1740) e *Clarissa: ou a história de uma jovem* (1748); dos franceses Montesquieu, *Cartas persas* (1721), Jean-Jacques Rousseau, com *Júlia ou a nova Heloísa* (1761), e Choderlos de Laclos com *As ligações perigosas* (1782). Na

² No classicismo, mesmo sendo a carta considerada um gênero secundário, seu pertencimento ao campo da literatura não causava problema. A existência independente de um estilo próprio às cartas é perfeitamente reconhecida, (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 20).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Alemanha, o romance epistolar referência foi *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), do Johann Wolfgang Von Goethe. No Canadá teve o romance *A história de Emily Montague* (1769), escrito por Frances Brooke. E nos Estados Unidos o precursor foi o escritor William Hill Brown, com *O poder da simpatia* (1789).

Trazendo para o século XXI, sobretudo para o cenário da literatura contemporânea brasileira, o autor mineiro Luiz Ruffato resgatou a fórmula epistolar em seu quinto livro, *De mim já nem se lembra*, publicado originalmente em 2007, pela Editora Moderna e, em 2016, pela Editora Companhia das Letras. Nessa ficção, o enredo traz à tona os espectros de um passado mal resolvido e por meio de epístolas, o escritor transforma um pequeno episódio familiar em uma oportunidade de vasculhar e refletir sobre o contexto sócio-político de seu país; no caso, sobre o período de ditadura militar. Nesse sentido, nosso estudo propõe discorrer a respeito da estratégia da fórmula epistolar no romance *De mim já nem se lembra*, do Luiz Ruffato, e sobre a forma como o autor revitaliza esse gênero já gasto dentro da história do romance.

Explicação necessária

De mim já nem se lembra estrutura-se no híbrido entre a narrativa epistolar – as cartas de José Célio –, e a voz narrativa autodiegética³ do narrador-personagem Luiz Ruffato⁴. O romance é dividido em três partes. Na primeira, denominada de “Explicação necessária”, após a morte de sua mãe, em 2001, o narrador (Luiz) encontra uma pequena caixa no quarto dela:

³ Terminologia que diz respeito às especificidades da voz narrativa em primeira pessoa, de acordo com os estudos de Gérard Genette (1995).

⁴ Um aspecto relevante neste romance do Ruffato é sua relação onomástica entre o autor e o narrador-personagem, ambos chamados Luiz Ruffato. Aspecto que, dentre outros elementos contidos no romance, sugerem traços de autoficção; nomenclatura apresentada pelo romancista francês Serge Doubrovsky, em 1977, para definir seu livro *Fils* [“Filho” ou “Fios”], (FAEDRICH, 2016).



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Sob a cama-de-casal, uma pequena e ignorada caixa retangular de madeira. Puxei-a, deposei-a na colcha-de-chenil e, ao abri-la, interromperam-se os preparativos da pachorrenta segunda-feira: ali, minha mãe abrigara seu coração esfrangalhado. *Meu irmão anunciou, Tem uma firma de São Paulo, eles estão contratando todo mundo, acho que vou ir trabalhar lá. Muda, minha mãe estremeceu. Meu pai comentou, Se for pro seu bem... Minha irmã e eu escutamos, apenas. Tornou, em definitivo, sete anos depois, dentro de um caixão que nem pode ser descerrado, tão desfigurado o corpo. Um desastre, entre Vassouras e Paraíba do Sul: do carro que estreava restaram ferragens contorcidas* (RUFFATO, 2016, p. 20 – 21).

Ao abrir a caixa, ele se depara com um maço de cartas cuidadosamente enfeixadas com barbante. Eram cinquenta cartas endereçadas à mãe, que foram escritas por seu irmão (José Célio), falecido há anos de acidente automobilístico. Mas, só anos mais tarde foi que Luiz, em mais uma de suas mudanças de apartamento, se deparou novamente com o maço de cartas e resolveu lê-las:

Em fins de 2003, empacotava objetos para mais uma mudança de endereço (...), quando, ao retirar livros de uma prateleira na estante, me deparei com o maço de cartas. Imediatamente, sentei-me no chão empoeirado do apartamento vazio e desatei o barbante. Cuidadosamente enfileiradas por data, cinquenta cartas sobrescritadas por meu irmão à minha mãe. Perturbado, percorri, uma a uma, as páginas compostas em letra miúda e desenhada, relatando ninharias, reclamando novidades (RUFFATO, 2016, p. 22).

A segunda parte intitulada de “As cartas” inicia com a epigrafe “para você, que já me esqueceu”. Este capítulo composto pelas epistolares pela voz narrativa de José Célio, um jovem torneiro-mecânico que se mudou para Diadema, São Paulo, em 1971, em busca de uma vida melhor. Essas cartas, em sua maioria, abordam assuntos corriqueiros, salvo algumas cartas que denunciam, de forma implícita, o contexto político da época, auge da ditadura militar no Brasil. No mais, elas abordam assuntos como, as impressões do José Célio sobre a cidade, o dia a dia na pensão, o trabalho na fábrica, os novos amigos e, principalmente, sua preocupação com os membros da família.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Vale ressaltar que a carta é o discurso do ausente, ao passo que ela também gera a ilusão de presença e de diálogo (HAROCHE-BOUZINAC, 2016). E por meio das cartas de José Célio, pode se perceber a relação dialógica dele com a mãe, como, por exemplo, nesta primeira carta enviada pelo jovem torneiro-mecânico:

São Paulo, 2 de fevereiro de 1971

Querida mãe, querido pai,

(...) E a senhora, está bem? E o pai, melhorou da tosse? Fala com ele que não esqueci dos conselhos dele não: só falo com as pessoas que o Nilson me diz que é colega dele ou conhecido. E o Luizinho? Ele ia ficar doido com a montoeira de gente que tem nessa cidade. (...) E a Lúcia? Fala para ela que assim que eu puder vou comprar um rádio só para ela. Mãe, vou parando por aqui, senão eu não para mais essa carta. Envie lembranças a todos, deste seu filho cheio de saudades, José Célio (RUFFATO, 2016, p. 27).

Já o último capítulo do livro, chamado de “Apêndice”, traz uma “carta-resposta” assinada pelo narrador Luiz Ruffato, destinada ao irmão José Célio, datada no ano de 2008, em razão de seus 30 anos de falecimento. Na carta, o narrador-personagem confessa: “Lamento termos convivido tão pouco. Eu tinha 10 anos quando você tomou o rumo de Diadema, assim como centenas de outros recém-formados no Senai” (RUFFATO, 2016, p. 133). E para finalizar, o Luiz Ruffato analisa uma fotografia tirada na última visita do irmão à cidade natal, em agosto de 1977, a única em que eles aparecem juntos:

Na fotografia em que estamos juntos, entretanto, o tempo está presente: seus olhos miram o retratista, e o que vemos é a imagem de alguém que parecia saber que nunca iria frutificar. A Celeste casou, mudou para Vitória, teve dois filhos, envelheceu... Envelheci, envelhecemos todos... Menos você, que permanece com 26 anos, ardendo inexoravelmente em minhas lembranças. Luiz Ruffato (RUFFATO, 2016, p. 136).

Com efeito, a carta é a verbalização por escrito do que gostaríamos de dizer a alguém quando o diálogo cara a cara não é possível. “Sempre ligada a situações em que a fala não tem suficiente peso, a carta traz a confirmação e a solenidade do escrito, desempenhando mais do

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

que nunca sua arcaica função de garantia” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 213). Contextualizando para o romance do Ruffato, neste último capítulo, a missiva assinada pelo narrador-personagem Luiz Ruffato, destinada ao seu irmão José Célio, cumpre a função de “reconciliação” com o passado e, principalmente, uma espécie de “diálogo” nunca ocorrido entre os irmãos, tanto pela diferença de idade, quanto pelas circunstâncias.

A respeito das cartas, vale salientar que o leitor tem acesso somente as epístolas que José Célio enviava para sua mãe. No entanto, o conteúdo das cartas dá a entender que a troca de correspondência era mútua. Ou seja, o leitor acompanha o “diálogo de uma voz”, como define Haroche-Bouzinac (2016), ao se apropriar da fala do romancista francês Jacques Chouillet, pois “o leitor pode reconstruir a identidade do destinatário através de uma única parte do conjunto, mas terá à disposição um único ponto de vista, o do remetente” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 15). Portanto, a narrativa flui sem perdas para o leitor.

A carta como elemento propulsor da ficção

A palavra “epistolar” vem do adjetivo francês, “épostolaire”. Na verdade, é um empréstimo da palavra “*epistolarium*”, do latim medieval, que designa um livro de cartas. De acordo com a estudiosa Haroche-Bouzinac (2016), a carta é um gênero híbrido e de fronteira por suas múltiplas variações, formas, uso e assuntos. A carta migrou da esfera do discurso para a esfera literária, da realidade para a ficção, e do privado para o coletivo. Para a teórica, é a combinação desses fatores histórico e social variáveis e dos fatores invariantes (destinação, subscrição) que determinam o modo de funcionamento de gênero epistolar.

A carta é uma comunicação de indivíduo para indivíduo composta por códigos inerentes aos fatores sociais de sua época. Mais que isso, a carta é o “testemunho do indivíduo que escreve, testemunho do grupo social ao qual pertence ou tenta se integrar, bem como representação contínua de uma ordem social, a carta se encontra ‘na encruzilhada’ dos caminhos individuais e coletivos” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 25). Dentre muitas

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

funções, a carta pode atingir as dimensões de uma crônica, segundo a teórica Brigitte Diaz, “a carta investe-se de uma função diarista; é, ao mesmo tempo, crônica de uma vida e registro da alma” (2016, p. 88). E para se escrever uma carta é preciso preparação, dedicação de tempo e reorganização cognitiva do conteúdo a ser relatado, que pode variar de acordo com a periodicidade da epistola.

No romance *De mim já nem se lembra*, o uso da carta é só mais um tipo de meio de comunicação que o personagem José Célio dispõe, embora o livro não mencione o contato via telefone entre os personagens. Observa-se que, por José Célio residir em outro estado e também por sua exaustiva rotina de trabalho, ele não conseguia escrever para sua mãe com tanta frequência, como está exemplificado nesta missiva datada no dia 15 de outubro de 1972: “Querida mãe, Tem muito tempo que não escrevo, a senhora me desculpe, mas ando numa roda-viva aqui faz gosto” (RUFFATO, 2016, 57). A última carta registrada antes dessa, foi escrita no dia 16 de julho de 1972. Tal atividade epistolográfica lhe demanda um certo tempo e preparo.

De contraponto, no romance inteiramente epistolar do francês Choderlos de Laclos, *As ligações perigosas* (1782), a narrativa se desenrola por meio das trocas de cartas dos personagens, que são vários; estes as usam de forma recorrente e diariamente. E devido à proximidade espacial entre os personagens, como, por exemplo, o Visconde de Valmont e a Marquesa de Merteuil, conseguem fazer trocas das correspondências com mais rapidez por meio de seus criados. Igualmente, no romance epistolar russo *Gente pobre* (1846), de Fiódor Dostoiévski, os personagens Varvara Aleksêievna e Makar Diévuchkin se comunicam por meio de cartas a todo momento, quase como o uso de mensagens instantâneas no século XXI.

Haroche-Bouzinac (2016) também fala da função das “cartas de ficção”, aquelas compostas pelo romancista dentro do romance epistolar, que servem para puxar os fios dos acontecimentos, agindo como elemento propulsor da ficção. Assim sendo, ela ainda menciona a importância da ruptura da confidencialidade epistolar como estratégia de desenrolar a ação ou de fazê-la progredir. Pois, “é a perda de uma carta, ou sua descoberta por um terceiro, que

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

precipita as ações narrativas” (2016, p.197). Bem como ocorreu com as de José Célio, após a morte de sua mãe, destinatária das cartas. Estas foram reorganizadas e lidas por seu irmão Luiz, dando acesso aos leitores e impulsionando os acontecimentos do romance.

Outro exemplo do uso da carta como elemento propulsor da ficção está no também romance contemporâneo, sob o título de *Flores azuis*, da Carola Saavedra, publicada em 2008. Assim como o Ruffato, neste livro Saavedra propõe um estilo híbrido entre o gênero epistolar e a narrativa em terceira pessoa. A trama gira em torno das nove cartas colocadas em um envelope azul, escritas entre os dias 19 a 27 de janeiro, assinadas por “A”; uma mulher abandonada pelo parceiro, e que são deixadas no endereço do ex-companheiro. No entanto, quem as recebe e as lê, sem ser o destinatário, é o novo morador do apartamento, também recém-separado, que fica obcecado e ansioso pelas cartas da “A”, nas quais ela narra os pontos altos e baixos da relação que acabou.

A respeito do pertencimento das epístolas, o ensaísta francês Philippe Lejeune (2014) questiona: A quem pertence uma carta? Lejeune teoriza sobre o pertencimento da carta, que percorre um ciclo: uma vez despachada pelos correios, a carta passa a pertencer ao destinatário; quando este morre, a epístola passa a pertencer aos seus herdeiros. “Mesmo postada, a carta continua sendo, intelectual e moralmente, propriedade do seu autor – e, depois da sua morte, de seus herdeiros” (LEJEUNE, 2014, p. 294).

De acordo com a lógica do percurso descrito por Lejeune, adaptando-a para a diegese do Ruffato, as cartas de José Célio, uma vez postadas, passaram a pertencer à mãe. Com a morte dela, as missivas passaram a ser de direito dos herdeiros: sua filha Lúcia e seu filho Luiz. Mas quem ficou com a posse delas foi o filho mais novo (Luizinho).

A escrita epistolar enquanto estratégia da fórmula do romance

No bate-papo disponível no canal BSPbiblioteca, do YouTube, em 2019, Ruffato afirmou que há anos tinha o desejo de escrever um romance que abordasse o período da

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ditadura militar, por considerar que o tema está sofrendo um processo de “apagamento” histórico; embora a temática já estivesse presente em outras obras dele, como, por exemplo, no projeto *Inferno Provisório*⁵ (2016). Por esse viés, segundo a crítica literária, Eurídice Figueiredo (2017), a literatura é importante para reelaborar os traumas causados pela ditadura. Para a Figueiredo, “tratar a literatura sobre a ditadura convoca categorias de pensamento com o testemunho, o trauma, o exílio, a memória, o arquivo, enfim, a responsabilidade dos autores frente à História e aos leitores” (2017, p.41).

Então, foi a partir desse desejo do Ruffato que resultou na publicação do romance em análise, em 2007, no qual o personagem José Célio, com sua simplicidade e sem engajamento político e nem pretensão, narra, por meio de epístolas, alguns episódios decorrentes da política da época. O objetivo do autor era tratar da forma como a macropolítica interferia na vida de pessoas comuns, que não tinham nenhuma relação com a militância política (BSPBIBLIOTECA, 2019). Nas palavras de Ruffato:

“A maneira que eu tinha de escrever isso, era então contando o dia a dia de um sujeito morando em Diadema, um sujeito absolutamente comum, um sujeito que vem para Diadema para trabalhar, para ganhar a vida, preocupado com a família que ficou em Minas Gerais, mandar dinheiro para a família e como que ele vai se envolvendo com questões banais [...]” (BSPBIBLIOTECA, 2019).

No referido bate-papo, Ruffato explica que cada história pede uma forma para ser contada e essa preocupação formal, para ele, é basilar para contar uma história. Para ele, “só existe uma forma específica de contar determinada história. A minha grande busca é exatamente esta, encontrar essa forma” (BSPBIBLIOTECA, 2019). E pensando nessa “forma” que ele concluiu que a melhor maneira de escrever um romance que abordasse sobre o período da ditadura seria por meio de epístolas. O autor ainda enfatiza que se tivesse escrito

⁵ É um compilado de cinco volumes de livros do autor: *Mamma, Son Tanto Felice* (2005), *O Mundo Inimigo* (2005), *Vista Parcial da Noite* (2006), *O Livro das Impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011). Em 2016, o livro foi relançado em volume único pela editora Companhia das Letras.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

o livro de outra forma, ele teria sido um profundo fracasso (BSPBIBLIOTECA, 2019). De acordo com a interpretação da pesquisadora Maria Andréa de Paula Silva:

Contrariando uma vertente interpretativa bastante fecunda na crítica brasileira, a saber, a ideia de que, após a abertura política, a literatura que se quer dissidente e denunciadora escasseou, Luiz Ruffato apresenta uma obra em que o anonimato da vida proletária metropolitana é denunciado, além de historicamente circunstanciado, como consequência do “milagre econômico” e das promessas de ascensão social empreendidos pela ditadura militar. É essa denúncia que torna o projeto literário do autor, ao mesmo tempo, resistente e militante (2013, p.2).

Um ponto relevante em *De mim já nem se lembra*, é a sutileza como o Luiz Ruffato conduz a narrativa, com essa temática densa, sem torna-la pedante e óbvia. “Em ‘De mim já nem se lembra’ quis falar da ditadura de uma forma mais direta, sem ser explícita. A ditadura é vista por um trabalhador que a princípio não entende muito bem o que está acontecendo e vai compreendendo aos poucos, por conta própria” (RUFFATO, 2016). Nesse sentido, ao eleger a fórmula do gênero epistolar, o autor nutriu a diegese com dramaticidade e verossimilhança.

O próximo tópico dedica-se a análise das cartas de José Célio em que ele menciona acontecimentos que, para ele, lhe parecem estranhos, mas que para o leitor atento aos acontecimentos históricos, denotam marcas da ditadura militar no Brasil.

As epistolas como registro do período da ditadura militar no Brasil

Por meio da reconstituição das epistolas, a história é contada sob a ótica do José Célio, um jovem de seu tempo e ligado as suas raízes. A primeira missiva de José Célio enviada para a mãe, está datada no ano de 1971, o que sugere um tema de fundo impactante na história do Brasil: o período da ditadura militar, sete anos após o golpe de 1964. Naquele ano o presidente vigente era o Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974). Já a última carta está datada

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

no ano de 1978, ano que começa a eclodir as greves dos operários no ABC Paulista, ou seja, toda a narrativa ocorre durante um período da alta repressão do militar.

Assim como muitos jovens de sua cidade, Célio foi para uma cidade grande como São Paulo, visando uma ascensão social. As cartas enviadas para sua mãe, em sua maioria, eram de teor mais intimistas e corriqueiras e algumas até em tom de desabafo, pois José Célio sentia muita saudade de casa e não se conformava em ter que sair de sua cidade e ir para uma cidade como São Paulo para “ganhar a vida” sem mesmo ter a perspectiva de retorno. Nesta carta datada no dia 26 de setembro de 1971, ele desabafa para a sua mãe:

Nunca pensei que a gente sentisse tanta falta assim das pessoas queridas. Confesso para a senhora que foi muito difícil entrar naquele ônibus e voltar para São Paulo. Lá em Leopoldina, esperando o ônibus que vinha de Alegre, veja só o nome da cidade, e eu numa tristeza que dói, eu fiquei besta num canto, com uma vontade de pegar minha mala e voltar para casa, abraçar a senhora e o pai, a Lúcia, o Luizinho, e falar, não, não quero voltar não, mas eu sei que não posso fazer isso, que a gente escolhe não escolhe os caminhos e que meu dever é tentar ganhar a vida em São Paulo. Mas não é fácil (RUFFATO, 2016, p. 39).

Nas missivas de José Célio, além de relatar marcas do desterritorialismo – da imigração de Cataguases (MG) para Diadema (SP) e de outros personagens mencionados nas cartas, oriundos, principalmente, do nordeste do país para trabalhar em São Paulo -, em algumas epístolas ele menciona situações que lhe parecem “estranhas”, mas que para o leitor, contextualizado com o período, subentende serem práticas comuns da ditadura militar. De forma sutil, a narrativa vai dando pistas de acontecimentos da época, como algumas missivas extraviadas ou violadas de José Célio.

A 12ª epístola, datada de 28 de maio de 1972, contém o primeiro registro de José Célio a respeito do extravio de uma de suas cartas. “Não sei o que aconteceu, mas eu mandei uma carta no começo do mês para a senhora, deve ter extraviado. A dona Sinoca falou que acontece muito isso, e até admirou que eu recebo as cartas que a senhora manda tão

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

direitinho” (RUFFATO, 2016, p. 51). Antes dessa, a última carta recebida estava datada no dia 9 de abril de 1972. Já fazia um ano que o José Célio estava morando em São Paulo.

Na vigésima epístola, com a data de 1º de maio de 1973, o narrador-personagem Luiz Ruffato colocou uma nota de rodapé sugerindo que uma carta anterior aquela pudesse ter sido extraviada; alguma que contasse com detalhes a respeito da visita da Nena, então namorada de José Célio, e sua família, a Cataguases. “*É provável que uma carta, anterior a essa, tenha se extraviado ou perdido, porque não há maiores comentários a respeito da visita da Nena à nossa casa, naquele março de 1973” (RUFFATO, 2016, p. 67). Já na carta de 7 de outubro de 1973, o narrador Luiz também chama atenção pelo fato de não estar assinada: “curiosamente, esta é a única carta que não está assinada” (RUFFATO, 2016, p. 72).

Na 27ª carta, datada de 22 de julho de 1974, entre suas lamurias a respeito de sua noiva que vislumbrava autonomia por meio do trabalho como professora, José Célio cita um ocorrido que lhe pareceu estranho:

Outro dia, aconteceu um negócio esquisito com um rapaz que mora comigo na pensão, o Norivaldo, um sujeitinho falante, desses meio entrão, sabe? Parece que ele estava andando na rua, o pessoal da cavalaria que tem aqui perto passou, ele fez pouco dos soldados, um deles desceu, mandou ele beijar o cavalo, ele falou que ia beijar coisa nenhuma, eles carregaram ele para a delegacia e deram uma surra danada nele. Parece que o negócio foi feio, porque ele apareceu na pensão todo machucado. Eu não vi não, me contaram, pegou a bolsa dele e sumiu. Ninguém mais ouviu falar dele. A gente tem que tomar cuidado com o que a gente fala por aqui. Eu tomo (RUFFATO, 2016, p. 82).

Extravio e violação de correspondência foi uma prática muito comum desse período. Mas, até neste momento, José Célio parecia não ter muita consciência do cenário político de sua época. Para Sales (2021, p. 562), “verifica-se a visão de mundo de um sujeito comum, simples e que não tem dimensão do que está acontecendo no país”.

Na carta seguinte, a única sem data - suspeita de que foi violada – narrador Luiz, novamente, insere a seguinte nota de rodapé: “*Embora não datada, esta carta provavelmente

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

foi escrita no dia 18 de agosto de 1974, já que o carimbo postal é do dia 19 de agosto de 1974” (RUFFATO, 2016, p. 83). No conteúdo da carta, José Célio retoma ao caso e diz que Norivaldo não apareceu mais na pensão. “O Fabinho, que é uma pessoa bem informada, falou que o problema é a ditadura, que eles prendem e desaparecem com a pessoa. Também, tem um pessoal que gosta de folia. Eu fico quieto no meu canto. Não me meto com ninguém” (RUFFATO, 2016, p. 84).

Na epístola (38^a), datada em 7 de março de 1976, José Célio conta para a mãe que foi convidado por Fabinho a filiar-se ao sindicato, pois o amigo acredita que ele tem o respeito dos colegas e dos superiores da firma. “Mas não se preocupe, não é arruaça não, é tudo dentro da lei e o pessoal é ligado à Igreja” (RUFFATO, 2016, p. 105).

A carta de número 43, datada em 5 de dezembro de 1976, José Célio conta que vai mudar de pensão, pois, segundo o pessoal do sindicato, mudou para perto dele um rapaz que é dedo-duro da Polícia Federal. De acordo com Célio:

(...) ele está em Diadema para vigiar a gente e entregar para o governo, porque a senhora sabe que a gente vive debaixo de uma ditadura que prende e mata trabalhadores, que a única coisa que querem é mudar a situação injusta do país, mas a senhora nem fale isso aí em Cataguases não, senão eles ainda prendem a senhora e dizem que a senhora é comunista. Mãe, era bom até a senhora rasgar essas cartas, porque vai que alguém pega e lê e ainda pode dar problema (RUFFATO, 2016, p. 114).

Na epístola (44^o) datada no dia 13 de março de 1977⁶, já inicia com a justificativa: “mãe, escrevi sim uma carta logo que cheguei aqui das festas de fim de ano, só que se extraviou ou, o que é pior, foi confiscada, porque agora eles abrem as cartas particulares e baixam o cacete em trabalhador” (RUFFATO, 2016, p. 116). A partir deste comentário, percebe-se que Célio está começando a tomar consciência dos acontecimentos ao seu redor, ainda que ele não tivesse pleno entendimento do cenário político. Nessa mesma carta, ele

⁶ Neste ano, o governo vigente era o do general Ernesto Beckmann Geisel (1974 – 1979). Foi o 29^o presidente do Brasil, sendo o quarto na ditadura militar brasileira.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

comunica à mãe que haverá uma assembleia para discutir a pauta de reivindicações salariais. O desdobramento dessas reivindicações sindicais está registrado na carta (47°), datada no dia 9 de outubro de 1977:

Setembro foi um mês complicado para nós. Ninguém falou nada, mas conseguimos mobilizar um mundaréu de gente na campanha pela reposição dos 34,1%, quer dizer, para repor no nosso salário um índice que o governo roubou do trabalhador. O pessoal do sindicato ficou contente para burro, porque os mais velhos falaram que desde o começo da ditadura não viam coisa assim acontecer por aqui (RUFFATO, 2016, p. 122).

Já na carta (49°), datada em 5 de fevereiro de 1978⁷, demonstra mais envolvimento do Célio com o sindicato e um clima de otimismo com a chegada de um novo líder:

O negócio está pegando fogo. O nosso Primeiro de Maio vai ser uma demonstração de força da categoria. Consegui marcar as férias de 15 de março a 15 de abril, porque quero estar firme na posse do nosso presidente do sindicato, no dia 21 de abril, para participar dos preparativos da nossa festa do Dia do Trabalhador (RUFFATO, 2016, p. 126-127).

E na carta de número 50, sua última carta, datada em 5 de março de 1978, José Célio fala dos preparativos da viagem que pretendia fazer em seu novo carro, um fusca 72. A referida viagem foi a que resultou em sua morte. Na missiva ele menciona que combinou de viajar com um colega, mas este não estava presente no acidente. A nota de rodapé escrita pelo narrador-personagem Luiz Ruffato diz que a polícia rodoviária informou que, provavelmente, Célio tenha dormido no volante, o que o levou a bater de frente com o caminhão. Luiz

⁷ Naquele ano (1978), houve uma grande greve dos Metalúrgicos do chamado “ABC paulista” e de Diadema, que culminou na ascensão da figura de Luís Inácio Lula da Silva e, dois anos mais tarde, na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). “Desafiando o regime militar, os trabalhadores da fábrica da Saab-Scania, em São Bernardo do Campo, paralisaram suas atividades em 12 de maio de 1978. Era a primeira greve dos metalúrgicos do ABC (região da grande São Paulo formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Diadema). Liderados pelo ferramenteiro Gilson Menezes e pelo então presidente do sindicato, Luiz Inácio Lula da Silva, eles reivindicavam aumento salarial e melhores condições de trabalho”, (MEMÓRIAGLOBO). Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/greves-do-abc/>.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

também questiona a existência desse colega, pois acredita que o irmão inventou a existência do amigo para tranquilizar a mãe.

Como exposto, nas cartas de José Célio, o leitor pode acompanhar sutis evidências da repressão militar e de como isso, de alguma forma, afetava o jovem torneiro-mecânico, como, por exemplo: as suas correspondências extraviadas ou violadas; o desaparecimento de um rapaz da pensão; o surgimento de um possível espião próximo da pensão; e até seu próprio amadurecimento e início de uma consciência sobre o momento político que estava vivendo. Tudo isso atrelado ao seu envolvimento com o sindicato, que poderia configurar como “atos suspeitos” para o governo da época.

Diante disso, o José Célio teria sido mais uma vítima silenciada e esquecida da repressão militar brasileira? Por isso a epígrafe “Para você, que já me esqueceu”. Se sim ou não, o autor não deixa claro. Subentende-se, apenas, que o Luiz Ruffato deixa livre a interpretação para o leitor a respeito das incidências descritas nas epístolas de José Célio, bem como o seu fim trágico.

Considerações finais

De mim já nem se lembra é, sobretudo, um romance sobre a desintegração da família; a partir do momento em que José Célio sai de Cataguases (MG) para Diadema (SP), e seu retorno sete anos depois em um caixão descerrado; é sobre o convívio com os espectros de um passado mal resolvido; da dor do luto e das memórias daqueles que ficaram, como o narrador-personagem Luiz Ruffato tem de enfrentar: “Aqui reúno meu passado – modo de reparar meus mortos, que já pesam no lado esquerdo: meu irmão, minha mãe, meu pai, aqueles aos quais meu reunirei um dia. A eles, este livro” (RUFFATO, 2016, p. 22).

Deste modo, as epístolas são sinônimo de “fragmentos de memória fossilizada graças aos quais se recompõe um passado esquecido” (DIAZ, 2016, p. 92), o que para Luiz era uma

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ferida aberta. Diaz (2016) elucida que as epistolas podem ser consideradas documentos históricos que reconstituem o quebra-cabeça de uma vida. Ainda, de acordo com a teórica:

O que o epistológrafo teria a transmitir, portanto, são essas marcas foscas e fugazes de si mesmo, marcas em sofrimento, à espera de um de investigador que venha desentocá-las, entender sua trajetória, reconstruir seu percurso sinuoso... A correspondência é um testamento inacabado (DIAZ, 2016, p. 110).

As cinquenta cartas de José Célio tinham o exato peso de “testamento inacabado” para o irmão. Coube ao Luiz reconstituir as memórias e trajetória do irmão mais velho por meios das missivas, um dia enviadas para a sua mãe. Certamente, por essa razão, o Luiz evitou as cartas nos primeiros anos de sua posse, porque “receava, embrenhando-me naquele deserto de episódios, afogar-me em traiçoeiras lembranças movediças? Talvez. Mas, mais comezinho, julgo que empurrava-me o orgulho provocado pelo ciúme” (RUFFATO, 2016, p. 21). Ciúme, pois, em sua concepção, no labor de conservar a memória do filho mais velho, sua mãe distraiu-se dele e de sua irmã, Lucia.

Contudo, observamos que a estratégia da fórmula epistolar confere ao romance do Ruffato um caráter mais intimista, memorialístico, de subjetividade, registro do cotidiano e tom confessional, bem como prevê o gênero. Destarte, o autor cumpriu seu objetivo com sua narrativa familiar, sob o retrato de um Brasil que padecia com a ditadura militar como pano de fundo. Como um todo, o romance é contado a partir do ponto de vista de dois narradores em tempos diferentes. Tudo isso reafirma a genialidade do autor ao revitalizar a forma epistolar no cenário da literatura contemporânea, concretizando em sua diegese o que a crítica literária Tania Pellegrini (2018) chama de refração do real.

Referências

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

BAKHTIN, Mikhail. **Epos e romance:** sobre a metodologia do estudo do romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

BSPBIBLIOTECA. **Segundas intenções com Luiz Ruffato**. Youtube, 11 jul. 2019. 1 vídeo (1:56min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ssea9h7FhxQ>. Acessado em: 19 jan. 2023.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou pensamento nômade:** Formas e funções da correspondência em alguns percursos e escritores no século XIX. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

FAEDRICH, Anna. **Autoficção:** um percurso teórico. *Criação & Crítica*, n. 17, p. 30-46, 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura sobre a ditadura: estratégias de escrita. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2017. P. 41-123.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

MEMÓRIA GLOBO. **Greves do ABC**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/greves-do-abc/>. Acessado em: 24 out. 2021.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo e Realidade na Literatura:** um modo de ver o Brasil. 1 ed. São Paulo, Alameda, 2018.

RUFFATO, Luiz. **De mim já nem se lembra**. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RUFFATO, Luiz. **Inferno provisório**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

SALES, Paulo Alberto da Silva. **Narrar/Editar**: faces do realismo refratado em De mim já nem se lembra (2007), de Luiz Ruffato. Matruga, Rio de Janeiro, v. 28, n. 54, p. 553-566, set./dez. 2021.

SILVA, Maria Andréia de Paula. **Luiz Ruffato**: a literatura como garantia de existência. XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional, 08 a 12 de jul. 2013, Campina Grande, PB. Disponível em:
https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434456138.pdf. Acessado em: 14 jan. 2023.